

A NECRÓPOLE MEDIEVAL DO MOSTEIRO DE S. MIGUEL DE REFOJOS, CABECEIRAS DE BASTO

FRANCISCO M. V. REIMÃO QUEIROGA*
CLÁUDIA MARIA MARTINHO LEMOS**

Resumo: *Sondagens de avaliação arqueológica realizadas no jardim do claustro do Mosteiro de S. Miguel de Refojos, em Cabeceiras de Basto, por ocasião de obras de remodelação do espaço, trouxeram à luz um conjunto de sepulturas. Trata-se de parte de uma necrópole que se localizaria no exterior de uma fase construtiva do mosteiro, a qual foi obliterada pelo edifício que o constitui atualmente. A necrópole enquadra-se entre os séculos XII-XIII e os meados do século XVII. O conjunto é formado por vestígios de 35 enterramentos, entre masculinos e femininos, sendo que um deles pertence a um canídeo, deposto em circunstâncias e época que não foi possível determinar.*

Palavras-chave: *Mosteiro de S. Miguel de Refojos; Sepultura; Rituais funerários; Necrópole medieval.*

Abstract: *As a measure of previous evaluation for the project of remodelling of the cloister garden of the Monastery of S. Miguel de Refojos, in Cabeceiras de Basto, an archaeological excavation was required, in the course of which a number of human graves was uncovered. This is a portion of a cemetery presumably located outside of a church from an earlier phase of the monastery, which was superposed by the later phase cloister that is still standing. The cemetery is dated between the XII-XIII to the XVIIth centuries. The excavation of the cemetery has yielded remains of 35 burials, amongst male and female individuals, in addition to one pit where a canine burial was performed in a time and circumstances as yet undetermined.*

Keywords: *Monastery of S. Miguel de Refojos; Grave; Funerary rituals; Medieval cemetery.*

1. INTRODUÇÃO

O projeto de remodelação do espaço ajardinado interior do claustro do Mosteiro de S. Miguel de Refojos, promovido pela autarquia local em 2013, motivou a realização de medidas de avaliação arqueológica prévia que se materializaram em sondagens de diagnóstico, trabalho que se revestiu de alguma urgência em função do prazo previsto para a obra¹.

Tendo como objetivo auscultar toda a área interior do quadrângulo do claustro num curto espaço de tempo, optou-se pela implantação de uma malha de valas de

* FLUP; UFP; CLEPUL.. Email: fqueiroga@letras.up.pt.

** Lic. em Arqueologia, Pós-Graduada em Museologia FLUP.

¹ A escavação foi dirigida pelos autores, tendo a equipe integrado a antropóloga Linda Melo, o técnico Manuel António Vitorino, com a colaboração de Pedro Gonçalves e de voluntários locais e trabalhadores indiferenciados cedidos pela autarquia.

sondagem para detetar quaisquer vestígios existentes, e assim avaliar a sua dispersão neste espaço. Esta abordagem cumpriu com os objetivos, e assim constatou-se que apenas cerca de um quarto do espaço continha vestígios de ocupação antigos, os quais se circunscreviam ao limite sul do claustro.

Com este conhecimento preliminar foi possível estabelecer um programa de escavação em área, por forma a abarcar todo o espaço disponível, o qual estava naturalmente delimitado no lado sul, pelo pavimento e colonada do claustro.

Respeitando a temática deste colóquio, apenas aqui trazemos a informação que concerne aos sepultamentos, deixando para outro momento o tratamento das estruturas que lhes estão adjacentes, algumas das quais são visíveis nas ilustrações anexas.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O Mosteiro de São Miguel de Refojos de Basto, é composto por um conjunto arquitetónico de grande monumentalidade, estando a igreja e a sacristia, assim como o teto de uma das salas, classificadas como Imóvel de Interesse Público desde 1933. Este importante cenóbio afirma-se não só pela imponência da sua construção, mas igualmente pela centralidade e papel dinamizador de toda uma região envolvente, a qual marcou de forma indelével ao longo da sua existência.

As origens deste mosteiro são ainda ambíguas à luz da documentação disponível. Passando ao lado da referência de Frei Leão de S. Tomás (1644), na *Benedictina Lusitana*, ainda envolta em controvérsia, temos como primeiro documento conhecido, que refere a Ordem de São Bento, uma carta de couto passada por D. Afonso Henriques em 1131, o que testemunha a sua existência em princípios do século XII. Reza o documento:

Foi este couto dado e feito ao mosteiro de Relligiosos do Patriarcha S. Bento (cito no dito concelho, entitulado de S. Miguel de Refojos) por o Infante D. Affonço Henriques» «El Rei D. Affonso 2.º e a Rainha D. Urraca, sua mulher e seos filhos, os Infantes D. Sancho, D. Affonço, D. Fernando, e D. Leonor confirmarão esta doação (a do couto) em esta villa de Guimarães, no primeiro de Março da era de 1227 que são annos de Christo de 1189².

Desta forma, fundamenta-se a presunção de ter existido no local um mosteiro, certamente de pequena dimensão, anteriormente à fundação da nacionalidade, cuja dinâmica monástica terá propiciado o desenvolvimento populacional e económico de Refojos. Sabemos que desde o século XII os seus padroeiros eram os descendentes do rico-homem D. Gomes Mendes «Guedeão». O mais antigo dos seus possesores que viveu na segunda metade do século XI era um «domno» Mendo a quem sucedeu o filho, D. Gueda «o

² CRAESBEECK, 1992: 257.

velho». Grande protetor do mosteiro, D. Gueda Mendes doou-lhe em 1152 um magnífico cálice de prata dourada, que ainda hoje é uma referência da ourivesaria medieval³.

O período seguinte foi de crescimento, tendo o mosteiro adquirido um vasto conjunto de terras, sendo um dos mais ricos do Minho, pois pelo século XIII adiante possuía domínios em Fafe, Celorico de Basto, e Cabeceiras de Basto. Estas rendas, quase todas de terras situadas em Trás-os-Montes, tornaram o convento um dos mais ricos da Ordem Beneditina. No século XIII a maior parte do padroado do mosteiro passou de Gomes Mendes a seu filho D. Egas Gomes Barroso e à sua descendência, os quais possuíam vastas propriedades em torno do convento nos séculos XII e XIII. Até ao reinado de D. Duarte, o mosteiro foi governado por abades perpétuos passando posteriormente a sê-lo por abades comendatários que fruía benefício de comenda. De 1428 a 1537 o governo do mosteiro ficou a cargo dos Abades Comendatários mais propriamente nas mãos da família Borges, a qual delapidou muitos dos bens e das rendas do mosteiro. Com a administração ruínosa dos abades comendatários o mosteiro enfrentou uma época de decadência, que apenas foi superada com a integração de Refojos na Congregação Beneditina Portuguesa a partir de 1570.

Foi com este regime que o mosteiro iniciou a sua recuperação económica e também arquitetónica, segundo relata Frei Leão de S. Tomás⁴.

Em 1590 o Capítulo Geral estabeleceu como prioridades as obras dos mosteiros da ordem, pelo que as de Refojos foram iniciadas na primeira metade do século XVII, incluindo a igreja nova, que em 1644 ainda estava a ser construída passando a ter duas torres. O templo foi demolido, e reconstruído segundo os ditames de Tibães, seguindo as inspirações barrocas.

Hoje apenas sobrevive o claustro⁵, reminiscência do período de obras iniciado na primeira metade do século XVII, e à conclusão das quais se crê que alude a data «1690», inscrita na portaria.

O claustro atual, construído ao longo do século XVII, além de servir de acesso à igreja, foi local de oração e de reunião. Também serviu de local de sepultura de

³ GONÇALVES, 1980: 79.

⁴ «Neste tempo presente tudo quanto vemos no Mosteyro de Refoyos (tirando os Dormitorios, Claustra, & outras oficinas, que são de tempo mais antigo) tudo he renovado, ou feito de novo por industria dos Abades triennaes. Vemos hu(m)a Igreja nova fermosa, & clara, capaz de recolher em si a grande freguesia que tem. Vemos seus altares muy ornados com retabolos dourados, com image(n)s, & pinturas muy excelentes; A Sancristia nova com muitas peças de prata, & ornamentos ricos pera perfeição do culto divino. A cerca, q(ue) dantes era muy abreviada, vemola agora muy estendida, plantada toda de arvores fructíferas, & co(m) suas fontes de agua perenne dentro. Defronte da porta da Igreja vemos a mais fermosa entrada, & Lameda que ha» (SÃO TOMÁS, 1644: 501).

⁵ «Depois que se desfez o antigo mosteiro (de que ainda se vem vestigios), se fez no mesmo citio outro de novo, com muita grandeza, que hoje existe, não de todo acabado pello interior delle, com 30 cellas, e hum claustro de 200 palmos en quadra, medidos pello interior das paredes, com 9 arcos de cada banda, muito levantados, e columnas inteiriças; por cada banda, 4 janellas rasgadas; e nas oficinas inteirores, bem repartido tudo, e na porta que está na face, que cae para o terreiro, está somente na simalha, o seguinte = 1690; e, por sima, huma pedra dourada, com as armas da religião do patriarca São Bento» (CRAESBEECK, 1992: 263).

outros monges, como são exemplo algumas das pedras com números gravados nas grandes lajes do pavimento das galerias, as quais possuem *forfex* para sepultamento. Trata-se de um corpo singular de espaço fechado, de forma quadrangular, com um andar superior fechado. É assente em nove arcos suportados por colunas monolíticas dóricas, determinando quatro galerias de trinta metros cada.

A campanha de construção barroca, iniciada no século XVII, prolongou-se pelo século seguinte centrando-se na segunda metade de setecentos a sua época de maior fulgor. As obras realizadas entre 1755 e 1766 configuraram a igreja tal como hoje a conhecemos, e a partir de então é muito justamente considerada como a mais monumental da Ordem Beneditina no país, e a única com zimbório.

Deste breve percurso sobre as fases construtivas do mosteiro, salientamos que a construção do claustro e a última fase de intervenção sobre a igreja, já no século XVIII, obliteraram todos os vestígios de épocas anteriores, que desconhecemos. Por esta razão, a sondagem foi encarada com bastante expectativa, por se constituir num momento único, e há muito esperado, de auscultar indícios arqueológicos sobre as fases de ocupação anteriores ao claustro.

3. A ESCAVAÇÃO

A escavação incidiu sobre todo o espaço do claustro destinado a ajardinamento, pois importava verificar a existência de quaisquer vestígios uma vez que a implantação de drenagens e de outras estruturas afetaria a totalidade da área. Salvaguardando a economia de recursos, foram implantadas valas de sondagem por todo o espaço de intervenção, tendo como objetivo delimitar os vestígios de ocupação, sobre os quais incidiria a escavação posterior. Este método deu frutos, uma vez que se circunscreveu a área de dispersão de estruturas ao extremo sul do claustro, conforme ilustra a Figura 1. Em virtude do aparecimento de sepulturas e de alicerces de muros na vala de sondagem situada junto ao lado sul do claustro, esta foi alargada em cerca de sete metros para norte, ressaltando-se apenas um pequeno ressalto para preservar uma árvore existente no jardim do claustro. Desta forma, a área intervencionada pela escavação (Fig. 2) abarcou todos os vestígios existentes na área útil do quadrângulo.

O decurso do trabalho revelou o carácter superficial do substrato rochoso, de xistos, bem assim como o facto de este começar a aprofundar gradualmente a cerca de uma dezena de metros aquém do limite sul do claustro. Por todo o espaço se constatou existirem níveis de perturbação, nomeadamente os referentes à instalação de caixas de drenagem de águas pluviais e respetivas tubagens de escoamento, que constituíam uma malha orientada para o lado nascente (Fig. 1), denunciando a preocupação no enxugamento do espaço interior do claustro. Esta preocupação revelou-se legítima, uma vez que no decurso da escavação se verificou que o nível freático é muito superficial, tendo o espaço escavado ficado gradualmente inundado de água.

4. A NECRÓPOLE

O espaço intervencionado revelou um conjunto de sepultamentos e de estruturas que se revestem de grande interesse, por documentarem fases de ocupação do mosteiro das quais apenas havia referência documental, mas nenhuma evidência arqueológica. Foi escavado o que presumimos ser o extremo norte de um cemitério anexo ao antigo mosteiro, o qual será anterior à construção do claustro.

Na totalidade do espaço intervencionado foram identificadas 35 sepulturas, das quais foram escavadas 28 na íntegra, uma vez que as restantes ou se prolongavam fora dos limites da sondagem, ou se encontravam parcialmente sob alguma estrutura. Do total de sepulturas foram exumados 14 enterramentos⁶ em conexão anatômica, e 2 ossários. As sepulturas exumadas apresentam estruturas tumulares que evidenciam três soluções tipológicas.

Sepulturas estruturadas com lajes laterais (Foto 9), maioritariamente de granito, formando uma caixa que assenta diretamente no solo ou no substrato rochoso. Na sua construção foram utilizadas pedras aparelhadas em pelo menos duas faces, a superior e a lateral interior, as quais poderão ter sido reaproveitadas de construções anteriores, variando a composição das paredes laterais entre as duas e quatro pedras. Não foi encontrado nenhum vestígio de tampa nos escassos exemplares deste tipo de sepultura. A forma dominante é a de tendência retangular, excetuando a sepultura 11 (Foto 8), que tem formato subtrapezoidal.

Sepulturas escavadas no substrato rochoso, no qual formam uma caixa tanto quanto possível estanque, emulando um espaço do tipo sarcófago. Nos casos em que a irregularidade da rocha não o permite, entalha-se uma base para apoio de pedras que irão complementar a irregularidade do espaço, nivelando-o. A sepultura 21 mostra-nos um exemplo desta solução no qual ainda sobrevivem algumas pedras laterais (Foto 7). Esta regularidade destina-se ao assentamento da tampa, como ilustra a sepultura 17 (Foto 5), com a qual se formaria um espaço estanque, destinado à deposição do corpo. A forma ovalada é dominante, registando-se duas sepulturas de formato subtrapezoidal (sepulturas 9 e 17) e duas sub-retangulares (sepulturas 20 e 35).

Dentre as sepulturas escavadas na rocha, temos variantes nas quais se constata que não existe um contorno bem definido, nem alinhamento de guias laterais ou afeiçoamento da pedra para apoio de tampa. De resto, as respetivas plantas apresentam contornos mais arredondados (sepulturas 12 a 16) dentro da forma subtrapezoidal, e uma organização mais caótica, no alinhamento e nas sobreposições (Fotos 2 e 3). Algumas destas são manifestamente mais tardias dentro da necrópole, conforme o sugere a sua organização e a estratigrafia relativa.

⁶ O enterramento 2 corresponde a um canídeo (QUEIROGA *et al.*, no prelo).

Por último, temos as sepulturas simples, em covacho (Foto 6), que correspondem a simples valas abertas no solo sem qualquer outra definição da cavidade de inumação (sepulturas 27, 31 32 e 33). As sepulturas deste tipo existem apenas no extremo poente da área intervencionada, onde o nível da terra humosa é mais profundo. cremos que, a ser mais superficial o substrato rochoso, elas se integrariam no modelo definido anteriormente, razão pela qual se deveriam considerar como uma variante deste. Estes dois últimos modelos tiveram uma larga perduração⁷, estando vulgarizado o seu uso na Baixa Idade Média.

Apresentam-se, em seguida, alguns quadros sinópticos do conjunto das sepulturas, das suas dimensões e características, dispensando assim a descrição e o comentário individual de cada um dos exemplos registados.

Tabela 1. Análise geral das sepulturas em «caixa»

	Orientação	Tipologia	Comprimento	Largura Máxima	N.º de Lajes de Cobertura	N.º de Lajes Direita	N.º de Lajes Esquerda
Sepultura 1	NO-SE	Retangular	1,43 m	0,29 m	0	1	4
Sepultura 2	NO-SE	Retangular	1,86 m	0,36 m	1	2	2
Sepultura 3	NO-SE	Retangular	1,83 m	0,39 m	0	2	2
Sepultura 11	NO-SE	Subtrapezoidal	1,02 m	0,33 m	2	2	2
Sepultura 26	NO-SE	Indeterminada	1,52 m	0,36 m	0	1	3
Sepultura 30	Indet.	Indeterminada	1,12 m	?	0	2	0

Fonte: elaboração própria

Tabela 2. Análise geral das sepulturas escavadas na rocha

	Orientação	Tipologia	Comprimento	Largura máxima
Sepultura 4	NO-SE	Ovalada	1,23 m	0,36 m
Sepultura 5	NO-SE	Ovalada	1,84 m	0,36 m
Sepultura 6	NO-SE	Ovalada	2,43 m	0,53 m
Sepultura 7	NO-SE	Ovalada	1,78 m	0,50 m

⁷ BARROCA, 1987: 300.

Sepultura 8	NO-SE	Ovalada	1,82 m	0,38 m
Sepultura 9	NO-SE	Subtrapezoidal	1,07 m	0,35 m
Sepultura 10	NO-SE	Ovalada	?	0,52 m
Sepultura 12	NO-SE	Ovalada	1,59 m	0,44 m
Sepultura 13	SO-NE	Sub-retangular	1,92 m	0,68 m
Sepultura 14	SO-NE	Sub-retangular	1,94 m	0,64 m
Sepultura 15	SO-NE	Sub-retangular	1,15 m	0,65 m
Sepultura 16	NO-SE	Sub-retangular	2,17 m	0,56 m
Sepultura 17	NO-SE	Subtrapezoidal	1,05 m	0,31 m
Sepultura 18	SO-NE	Ovalada	1,89 m	0,52 m
Sepultura 19	SO-NE	Ovalada	1,84 m	0,43 m
Sepultura 20	NO-SE	Sub-retangular	0,90 m	0,40 m
Sepultura 21	NO-SE	Ovalada	1,86 m	0,40 m
Sepultura 22	NO-SE	Ovalada	2,05 m	0,36 m
Sepultura 23	NO-SE	Ovalada	1,83 m	0,40 m
Sepultura 24	NO-SE	Ovalada	1,55 m	?
Sepultura 25	NO-SE	Ovalada	1,36 m	0,32 m
Sepultura 28	NO-SE	Indeterminada	?	0,45 m
Sepultura 29	NO-SE	Ovalada	0,45 m	0,39 m
Sepultura 34	NO-SE	Ovalada	1,87 m	0,28 m
Sepultura 35	NO-SE	Sub-retangular	1,91 m	0,29 m

Fonte: elaboração própria

Tabela 3. Análise geral dos covachos

	Orientação	Comprimento	Largura máxima
Sepultura 27	O-E	1,35 m	0,53 m
Sepultura 31	O-E	1,50 m	0,26 m
Sepultura 32	O-E	?	?
Sepultura 33	?	0,55 m	0,35 m

Fonte: elaboração própria

Tabela 4. Análise geral dos enterramentos

Designação	Orientação	Posição	Membros superiores	Membros inferiores	Grupo etário	Sexo
Enterramento 1	NO-SE	Dec. dorsal	Úmeros paralelos	Paralelos	Adulto	Indet.
Enterramento 2	NO-SE	Dec. lateral direito	Fletidos	Fletidos		
Enterramento 3	SO-NE	Dec. dorsal	Úmeros paralelos e antebraços sobre o tórax	Paralelos	Adulto	Masculino
Ossário 1	SO-NE				Adulto	Feminino
Enterramento 4	SO-NE	Dec. dorsal	Úmeros paralelos e antebraços sobre o tórax	Paralelos	Adulto	Masculino
Ossário 2	SO-NE				Adulto	Masculino
Enterramento 5	SO-NE	Dec. dorsal	Úmeros paralelos e antebraços sobre os ilíacos, com a mão esquerda sobre a mão direita	Paralelos	Adulto	Masculino
Enterramento 6	NO-SE	Dec. dorsal	Úmeros paralelos e antebraço direito sobre o tórax e o esquerdo sobre os ilíacos	Paralelos	Adulto	Masculino
Enterramento 7	SO-NE	Dec. dorsal	Antebraços paralelos sobre os ilíacos	Paralelos	Adulto	Indet.
Enterramento 8	SO-NE	Dec. dorsal	?	?	Criança	Indet.
Enterramento 9	NO-SE	Dec. dorsal	?	?	Adulto	Indet.
Enterramento 10	O-E	Dec. dorsal	Úmeros paralelos e antebraços sobre o tórax	Paralelos	Adulto	Indet.
Enterramento 11	NO-SE	Dec. dorsal	?	Paralelos	Adulto	Indet.
Enterramento 12	O-E	Dec. dorsal	?	Paralelos	Adulto	Indet.
Enterramento 13	O-E	?	?	?	Criança	Indet.
Enterramento 14	?	Dec. dorsal	?	?	Adulto	Indet.

Fonte: elaboração própria

As características das sepulturas dão-nos algumas indicações sobre os rituais de enterramento. A orientação predominante observada nas sepulturas de época medieval é noroeste-sudeste sendo menos expressivos os casos nos quais a orientação é oeste-este, por se resumirem a três inumações em covacho (sepulturas 27,

31 e 32). Apesar de a inumação com orientação da cabeceira a poente ser um ritual tipicamente associado ao enterramento cristão, as variações a este padrão ocorrem com alguma frequência. Poderia argumentar-se que esta ligeira variação se deveria a inumações em diferentes períodos do ano, portanto com diferentes declinações solares, ou mesmo com os constrangimentos colocados pelo alinhamento do veio rochoso, como se constata nas sepulturas 5, 6, 7 e 8, as quais estão orientadas segundo as clivagens do xisto. Contudo, nenhum destes argumentos pode ofuscar o facto de a necrópole em qualquer uma das suas fases se encontrar em espaço claramente definido pela ortogonalidade de edifícios, aos quais se juntariam, eventualmente, referências superficiais dos enterramentos, como lápides ou crucifixos, constituindo todos eles uma orientação axial permanente.

A prática de inumação em todos os casos identificados é a deposição em decúbito dorsal, e nos casos em que foi possível pormenorizar o crânio estava inclinado sobre a face direita (enterramentos 1 e 12). Apenas dois esqueletos revelam a posição dos membros superiores, pois em todos os restantes os ossos degradaram-se. No enterramento 1, os antebraços não se preservaram, sendo visíveis apenas os úmeros, que se encontravam paralelos. No enterramento 10, os úmeros também se encontravam paralelos e os antebraços localizavam-se sobre o tórax. Nos casos em que a preservação dos ossos permitiu apurar (Foto 3), os membros inferiores encontravam-se paralelos.

Ainda sobre o processo de enterramento, e complementado o que acima foi dito sobre a tipologia das sepulturas, temos indício de uma prática, a mais generalizada, na qual se constata que o indivíduo inumado seria recoberto com terra. No entanto, algumas sepulturas apresentam-se bem definido por pedras (sepulturas 1, 2, 3, 11, 26), ou escavado na rocha com ressalto para apoio de tampa (sepulturas 21 e 35), e tapadas com lajes de cobertura bem calafetadas (sepulturas 2, 11 e 17) para impedir a entrada de terra. Formavam assim um espaço que emulava um esquife, ou sarcófago, no qual o cadáver não era recoberto por terra⁸, modelo que encontramos mais vulgarizado nos enterramentos da Alta Idade Média⁹.

Um outro pormenor digno de nota é o apoio de cabeça em ressalto ou em rampa, dos quais encontramos documentado em entalhe nas sepulturas 5 (Foto 4), 8, 16, 21 (Foto 7) e 25. Cremos que a pequena pedra na cabeceira da 22 terá a mesma função, o que poderia sugerir uma datação algo mais antiga para esta inumação¹⁰, dentro do século XII. Esta solução, que está bem documentada nos

⁸ Esta solução tipológica está bem representada na necrópole de S. Miguel, em Vizela (QUEIROGA, 2013: Figs. 8, 10, e 14), em cujas sepulturas se nota uma calafetagem tão eficaz que apenas se depositaram escassos centímetros de sedimento na sua base.

⁹ BARROCA, 1987.

¹⁰ BARROCA, 1987: 303.

desníveis em rampa encontrados nas cabeceiras dos sarcófagos a partir do século XIII¹¹, corrobora as impressões acima expressas acerca da tipologia de inumação. A propósito, referimos a cabeceira de um grande sarcófago, em granito de grão fino, que aflora no alicerce da parte média do lado sul do claustro, descortinando-se a cabeceira de uma peça monolítica, de formato semicircular ultrapassado (Foto 10), com contorno perfeito e parede exterior vertical. O interior da cabeceira revelou um espaço bem entalhado, de configuração simétrica ao perfil exterior, tendo o plano de apoio da cabeça em rampa longitudinal. Pelas suas características, mormente a configuração formal e a qualidade do talhe, de pico fino, cremos tratar-se de uma peça de grande prestígio e portanto ligada a um dos notáveis inumados no mosteiro. Considerando o tempo necessário para a erosão da memória de alguém inumado numa peça de tal qualidade, e a sua degradação à função de entulho nesta obra do século XVII, cremos que a sua utilização como sepultura não deverá ser posterior aos inícios-meados do século XV.

Voltando à necrópole, e às sepulturas com tampa, constatamos que o processo de enterramento era concluído com a cobertura da sepultura por meio de uma, ou mais frequentemente, de várias lajes. A maioria das sepulturas foi encontrada sem tampa, podendo esta ausência dever-se a perturbações e reutilizações, uma vez que algumas apresentam afeiçoamento lateral destinado ao apoio das lajes de cobertura.

Apenas as sepulturas 2, 11 e 17 foram encontradas com a cobertura intacta. Na sepultura 2 foi identificada apenas uma das lajes, com formato sub-retangular, na 11 a cobertura era formada por 2 lajes, bastante irregulares e de afeiçoamento grosseiro (Foto 8), enquanto as duas lajes de cobertura da 17 (Foto 5) tinham uma forma retangular, mais regular. Nenhuma das peças continha qualquer inscrição ou elemento decorativo, e tampouco apresentavam afeiçoamento consentâneo com a função. Este facto, aliado à cota a que se encontram os exemplares deste tipo, sugere que estariam recobertas com terra, não se destinando a ser vistas, o que levanta a questão se existiria algum elemento de demarcação de cada uma das sepulturas à superfície do cemitério.

Uma breve referência ao pouco que os restos osteológicos nos permitem inferir sobre a população inumada, evidência que se concentra naturalmente nas sepulturas mais tardias (Foto 3), nas quais se observa melhor conservação dos esqueletos¹². Foi possível determinar que, no contexto da população inumada, três indivíduos são do sexo masculino, dois do feminino, e nos restantes nove não foi possível determinar o sexo. Quanto ao perfil etário, temos dez adultos identificados, e dois não-adultos, sendo um com \pm 2-3 anos.

¹¹ BARROCA, 1987: 319-320.

¹² Informação baseada no estudo produzido por Linda Melo, *Mosteiro de São Miguel dos Refojos — Cabeceiras de Basto, Relatório de Antropologia*, 2013, relatório apresentado à DRCN.

5. CRONOLOGIA DOS SEPULTAMENTOS

Nenhum dos sepultamentos escavados possuía qualquer mobiliário funerário, facto que parece indicar a observância da norma cristã de inumação em total desapego de bens materiais, na qual o corpo seria envolto em sudário, sendo enterrado sem esquife, uma vez que não foram encontrados pregos em nenhuma das sepulturas. São escassos, e de pouca fiabilidade contextual, os materiais exumados neste trecho da necrópole, uma vez que não estão diretamente associados a qualquer uma das sepulturas.

No decurso da escavação foram detetados materiais diversos, desde os de uso doméstico aos utilizados na construção, como fragmentos de azulejo e tijolo. Contudo, estes apenas surgiram nas camadas superficiais e nos contextos de perturbação, mormente os provocados pelas inúmeras drenagens que entrecortam o espaço, razão pela qual os desconsideramos neste âmbito, referindo apenas os que foram encontrados em contexto com as estruturas.

O escasso espólio cerâmico que foi encontrado associado às sepulturas é atribuível à época medieval, variando as suas cronologias entre os séculos XII e XIV. Trata-se, contudo, de material cujo revolvimento estratigráfico não permite uma articulação com as inumações que seja suscetível de contribuir para a datação destas. Por outro lado, alguns fragmentos cerâmicos integrados nas argamassas dos muros são datáveis de época moderna, em torno do século XVI, articulando-se, portanto, em anterioridade, com a época da obra do claustro. Sugerimos que poderão estar associados ao conjunto de obras efetuadas, entre 1555 e 1560 durante a administração de D. Diogo de Murça, nomeadamente nas oficinas, dormitórios e no claustro, ou aos acrescentos que se fomentaram posteriormente com a passagem dos abades comendatários a abades trienais, tendo-se inclusive construído uma nova igreja no local da anterior¹³.

A dificuldade em estabelecer a cronologia deste conjunto de sepulturas por meio de datação cultural, junto com o facto de dispormos de alguns restos ósseos, forçou a alternativa de realizar datações por radiocarbono de algumas das sepulturas¹⁴, bem assim como o estudo osteológico dos seus conteúdos. A configuração tipológica das sepulturas desde logo fundamentou a suspeita de na sua maioria pertencerem a uma fase tardia dentro da Idade Média, mas o seu contributo para as cronologias de ocupação do mosteiro não poderia ser negligenciado. Desta forma, e tendo como base o estudo osteológico efetuado por Linda Melo, estabeleceu-se uma amostragem o mais adequada possível tanto aos objetivos de datação como à

¹³ SÃO TOMÁS, 1644: 497.

¹⁴ Não podemos deixar de registar o empenho da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto no incitamento e apoio à realização destes estudos e análises, os quais custeou integralmente, promovendo ainda o estudo osteológico desta necrópole (QUEIROGA *et al.*, no prelo).

exequibilidade das amostras, uma vez que os restos ósseos se encontravam muito degradados. Com efeito, a maioria das sepulturas encontram-se imersas no nível freático na maior parte do ano, conforme se constatou durante a escavação, realizada durante o verão, mas cremos que tal não terá ocorrido no período de funcionamento da necrópole, podendo dever-se ao edificado da última fase do mosteiro a alteração do fluxo das águas superficiais. Em todo o caso, este contexto deposicional húmido contribuiu de alguma forma para retardar a degradação dos vestígios osteológicos, mas também ocasionou a lixiviação da matéria orgânica mais pereene, mormente o colagénio, que é fundamental para a datação pelo radiocarbono. Por esta razão, apenas parte das amostras reuniam condições para ser datadas, nomeadamente as provenientes das sepulturas 14, 15, 16 e 18. Junto com as datações foi ainda possível determinar os valores de isótopos de $\delta^{13}\text{C}$ e $\delta^{15}\text{N}$ para estudo de paleodietas. Estando limitados às amostras passíveis de análise, provenientes dos esqueletos melhor conservados, fomos inevitavelmente conduzidos aos exemplares do conjunto que apresentam cronologia mais tardia dentro da necrópole.

Os resultados obtidos são apresentados na tabela seguinte:

Tabela 5. Datações por Carbono 14

ref. amostra	idade BP-DC	cal 1 sigma	cal 2 sigma	IRMS $\delta^{13}\text{C}$	IRMS $\delta^{15}\text{N}$	Carb./ Nitrog.
Beta – 513765 Sepultura 14	350 ± 30 BP 1600 ± 30 DC	(68%)-1470 – 1525 cal DC – 1555 – 1630 cal DC	(95%)-1450 – 1640 cal DC	-16.0 ‰	+11.2 ‰	3.2 %C: 41.30 %N: 15.03
Beta – 520906 Sepultura 15	430 ± 30 BP 1520 ± 30 AC	(68%)- 1440 – 1455 cal DC	(95%)- 1430 – 1485 cal DC	-14.4 ‰	+13.1 ‰	3.2 %C: 43.05 %N: 15.71
Beta – 513767 Sepultura 16	350 ± 30 BP 1600 ± 30 DC	(68%)-1470 – 1525 cal DC – 1555 – 1630 cal DC	(95%)-1450 – 1640 cal DC	-17.8 ‰	+14.2 ‰	3.4 %C: 37.45 %N: 12.96
Beta – 510960 Sepultura 18	400 ± 30 BP 1550 ± 30 AC	(68%)- 1445 – 1485 cal DC	(95%)- 1440 – 1520 cal DC – 1595 – 1620 cal DC	-17.0 ‰	+13.9 ‰	3.3 %C: 40.21 %N: 14.20

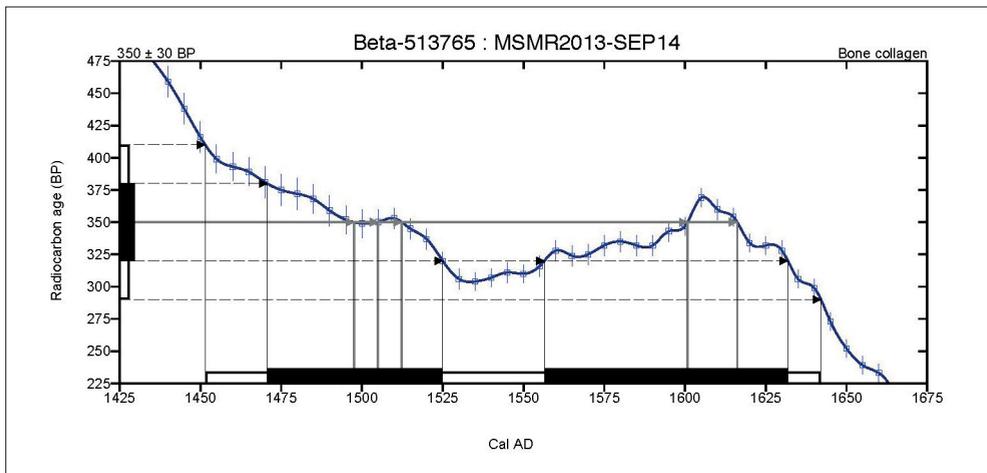
Fonte: Beta Analytics

Dos valores expressos nesta tabela constata-se que, apesar de o desvio padrão das datas ser comparativamente pequeno, de apenas 30 anos em todas elas, a calibração alarga substancialmente o espaço temporal no qual a data se encontra.

Deve-se ao facto de a curva de calibração do C14 possuir um perfil mais aplanado na época em questão, facto que alarga consideravelmente a amplitude das interseções de anos C14 com o calendário, e mormente as das datas referentes às sepulturas 14 e 16.

Fazendo agora um comentário às cronologias obtidas, temos a análise da Sepultura 14 (Beta – 513765: MSMR2013-SEP14), que forneceu uma cronologia idêntica à da Sepultura 16 (Beta – 513767: MSMR2013-SEP16), razão pela qual as trataremos em conjunto, dispensando a duplicação de gráficos e de argumentação.

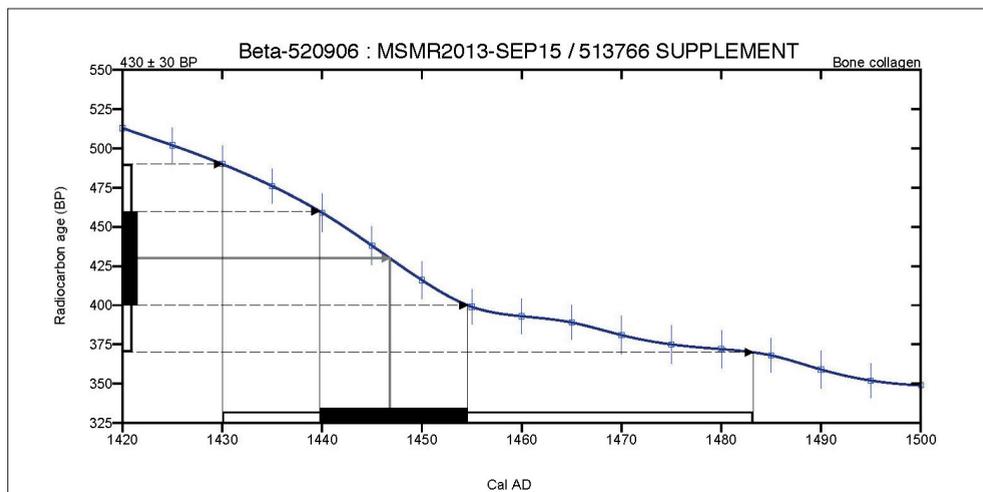
Gráfico 1. Curva de calibração da amostra Beta – 513765



Fonte: Beta Analytics

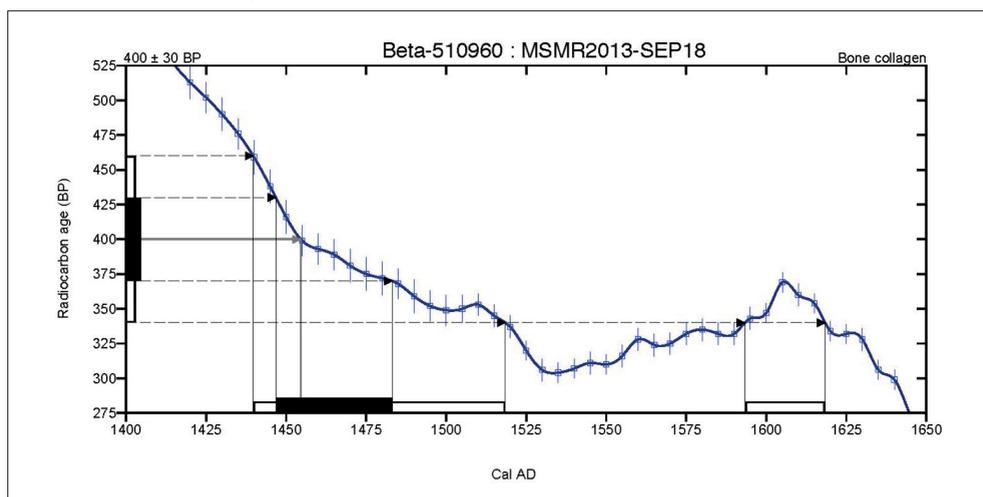
Como se constata pelo gráfico de calibração desta datação, a curva apresenta uma configuração muito aplanada e entrecortada na época na qual a amostra se enquadra, apesar do valor comparativamente reduzido do desvio padrão. Desta forma, as interseções dos anos C14 sobre a curva de calendário alargam substancialmente a sua amplitude cronológica, como se constata pelas projeções sobre a linha de anos de calendário dos valores de 1 sigma e 2 sigma. Estamos perante a circunstância infeliz de os valores de 2 sigma — que é o espaço no qual existe 95% de probabilidade de nele se encontrar a data real- se dividirem em duas datas apartadas, e com probabilidades relativamente aproximadas: 54,1% para uma data entre 1538 e 1635, e 41,3% para uma data entre 1458 e 1530. Em todo o caso, o cálculo de probabilidades apresentado pelo laboratório para as interseções, tanto de 1 como de 2 sigma, aponta para os valores cronológicos mais tardios, e neste último cômputo para a segunda metade do século XVI e as primeiras décadas do século XVII, o que é consentâneo com a datação cultural acima avançada.

Gráfico 2. Curva de calibração da amostra Beta - 52090



Fonte: Beta Analytics

Gráfico 3. Curva de calibração da amostra Beta - 510960



Fonte: Beta Analytics

As datas obtidas para as sepulturas 15 e 18 posicionam-se num período no qual a curva de calibração é mais uniforme, facto que se salda em menores desvios. Esta última data intersesta ainda um pequeno pico da curva, como se verifica no gráfico acima, no qual se obtém uma projecção em torno de 1600, a qual, contudo, não fere a coerência da data. Desta forma, temos uma diacronia coerente de 1440-1520 neste grau máximo de probabilidade, pese o facto de a curva de calibração iniciar uma subida irregular por volta de 1530, o que provoca interseções num pico da curva

entre 1595 e 1620, como pode constatar-se no gráfico correspondente. Em face destes resultados, cremos que a data real desta sepultura se situará na segunda metade do século XV, o que é consentâneo com a data obtida para a sepultura 15, mas poderá colocar em causa a sua articulação com o espaço de inumação *entre muros* de cronologia posterior.

No que concerne à data obtida para a sepultura 15, temos que a sua conversão em anos de calendário interseta uma curva com um pendor uniforme, facto que se salda em uma amplitude cronológica coerente, dentro dos 90,5% de probabilidades, entre os anos 1421 e 1498. Este espaço dilata-se ao longo da segunda metade do século XV, em virtude de a curva de calibração reduzir subitamente o seu pendor a partir de 1455, como se verifica no gráfico acima. Em todo o caso, os valores são coerentes podendo considerar-se que a data não deve ultrapassar os meados do século XV. Assim, conclui-se que este enterramento pertence a uma fase anterior à construção dos muros que lhe são anexos, no século XVI, tendo em mente que é sobreposto pela sepultura 16, a qual apresenta cronologia mais tardia.

Aquando da construção do atual claustro, nos meados do século XVII, foram previstos espaços de inumação, debaixo das grandes lajes retangulares ao longo do seu perímetro, algumas das quais possuem *forfex* de levantamento, e, portanto, indícios evidentes de utilização. Desta forma, não parece sustentável que a partir de então persistisse a prática de enterramento no claustro, e sobretudo a uma cota tão elevada como a verificada nas sepulturas mais tardias. Com base na evidência tipológica e na articulação interna entre as sepulturas, e o apoio complementar das datações por radiocarbono, estamos convictos de que a construção do claustro terá encerrado a utilização desta necrópole, tendo como possível exceção o enterramento de canídeo da sepultura 4, em época posterior.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (2001). *História da Arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Editorial Presença.
- ARIÉS, Philippe (1987). *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2ª edição. Lisboa: Teorema.
- ARIÉS, Philippe (1991). *O Homem perante a morte*. Mem-Martins: Publicações Europa América, vol. 1.
- ARSÊNIO, Paulo; BATATA, Carlos (1992). *Sepulturas escavadas na rocha da região de Tomar*. In *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar: Camara Municipal de Tomar, vol. 16, pp. 92-102.
- AZEVEDO, R. de (1958-1962). *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, vol. 1.
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António Cardoso (1984). *Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar)*. «Arqueologia». 8, 92-101.
- BARROCA, Mário Jorge; MORAIS, António Cardoso (1986). *A Terra e o Castelo – Uma experiência arqueológica em Aguiar da Pena*. «Portvgalia». Nova Série. 6-7, 35-87.

- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2010). *Memórias*. In MATTOSO, José, dir. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, coord. *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. I, pp. 418-456.
- CRAESBEECK, Francisco Xavier da Serra (1992). *Memórias Ressuscitadas da Província de Entre Douro e Minho no ano de 1726*. Ponte de Lima: Edições Carvalhos de Basto, vol. II.
- CUNHA, Vítor (1958). *Monografia de Cabeceiras de Basto*. Cabeceiras de Basto.
- FAURE, Francisco G. C. L. M. (2012). *Casa de Deus e de Homens. Uma leitura arqueológica do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Dissertação de Mestrado.
- GONÇALVES, António Nogueira (1980). *Estudos de História da Arte Medieval*. Coimbra.
- MATTOSO, José (1997). *Pressupostos mentais do culto dos mortos*. «Arqueologia Medieval». 5, 5-11.
- PINA, Isabel Castro (1996). *Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV*. In MATTOSO, José, ed. *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa: Edições Sá da Costa.
- QUEIROGA, Francisco M.V.R. (2013). *Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela*. «Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património». 12, 181-201.
- QUEIROGA, Francisco M.V.R.; MELO et al. (no prelo). *Monges, corpos e claustros: A necrópole e o Mosteiro de S. Miguel de Refojos. Os restos osteológicos humanos e não humanos provenientes do Claustro do Mosteiro de São Miguel de Refojos*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto.
- ROSA, Maria de Lurdes (2010). *A morte e o Além*. In MATTOSO, José, dir. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, coord. *História da Vida Privada em Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. I, pp. 402-417.
- SÃO TOMÁS, Frei Leão de (1644). *Benedictina Lusitana*. Lisboa, vol. I, pp. 493-502.
- SEQUEIRA, Maria O. P. G. de Paz (2006). *A igreja do Mosteiro de São Miguel de Refojos de Cabeceiras de Basto*. In *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*. Porto: FLUP.
- SILVA, João Belmiro Pinto da (1990). *Marco de Canaveses – Sepulturas Medievais Concelhias: Sepulturas cavadas na rocha*. Marco de Canaveses: Ed. do Autor.
- TAVARES, António L.M. (1999). *Sepulturas escavadas na rocha no concelho de Mangualde*. Mangualde: Associação Cultural Azurara da Beira.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-218.
- TENTE, Catarina; LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas Medievais do Distrito de Évora*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.

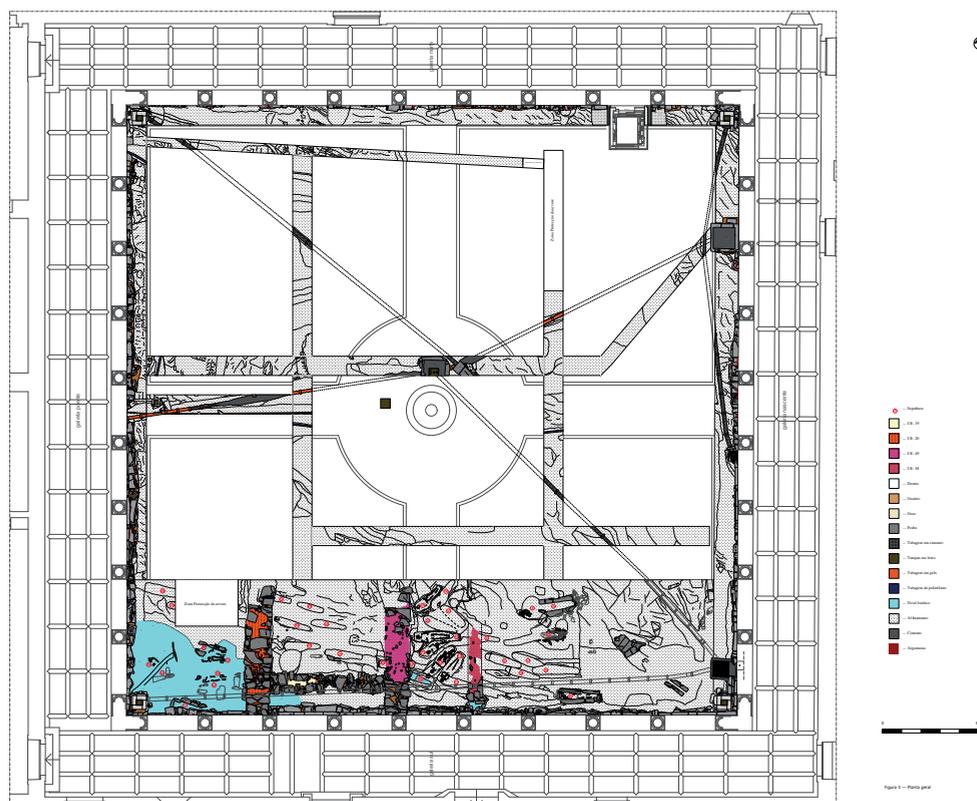


Fig. 1. Planta do claustro, com a localização das sepulturas

Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

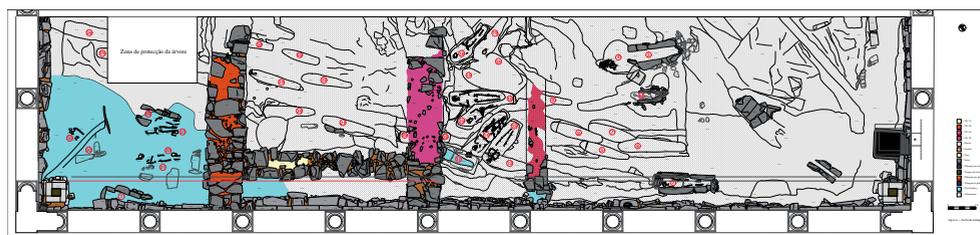


Fig. 2. Planta da necrópole

Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

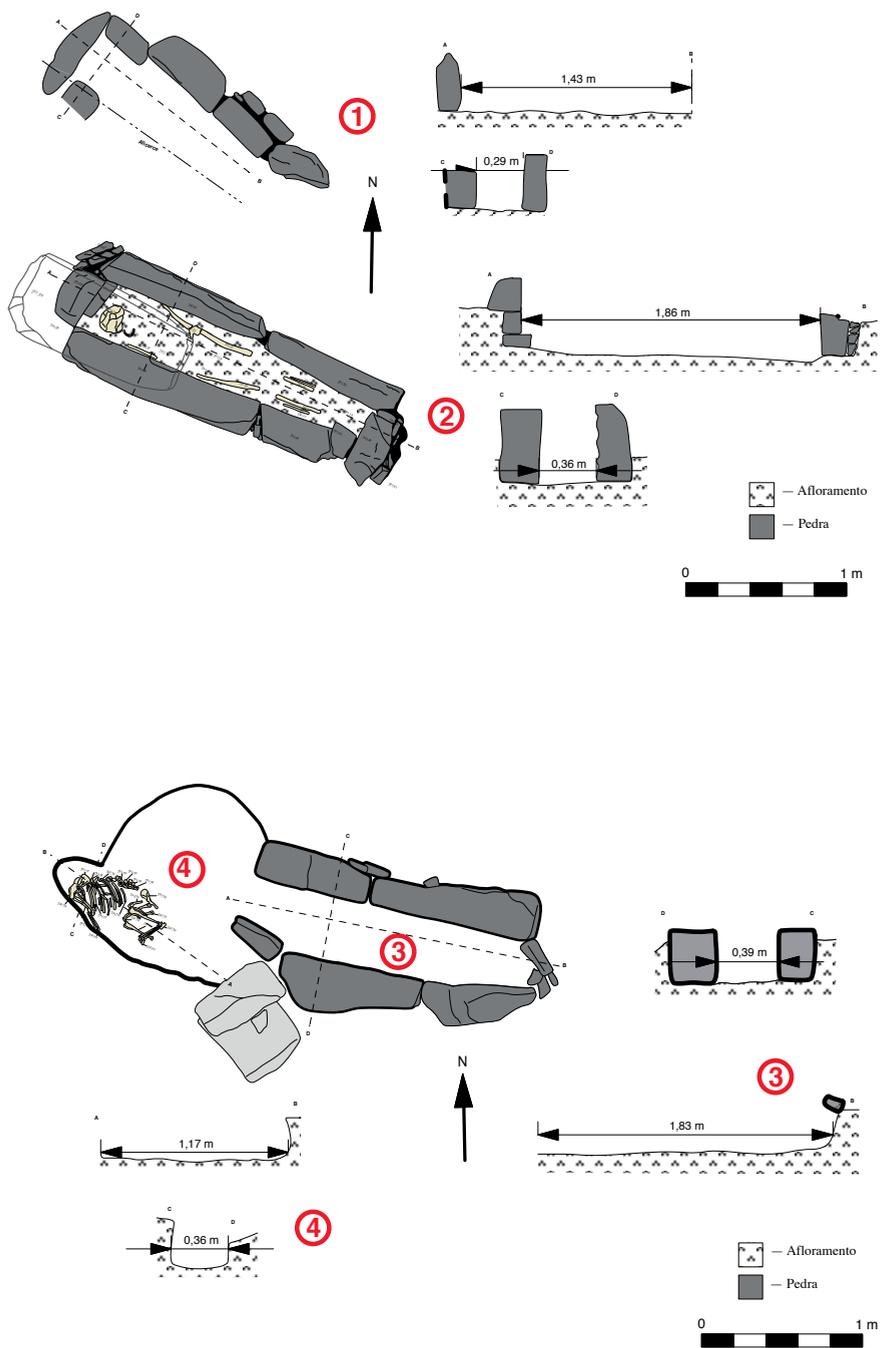


Fig. 3. Plantas e cortes das sepulturas 1, 2, 3, 4
 Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

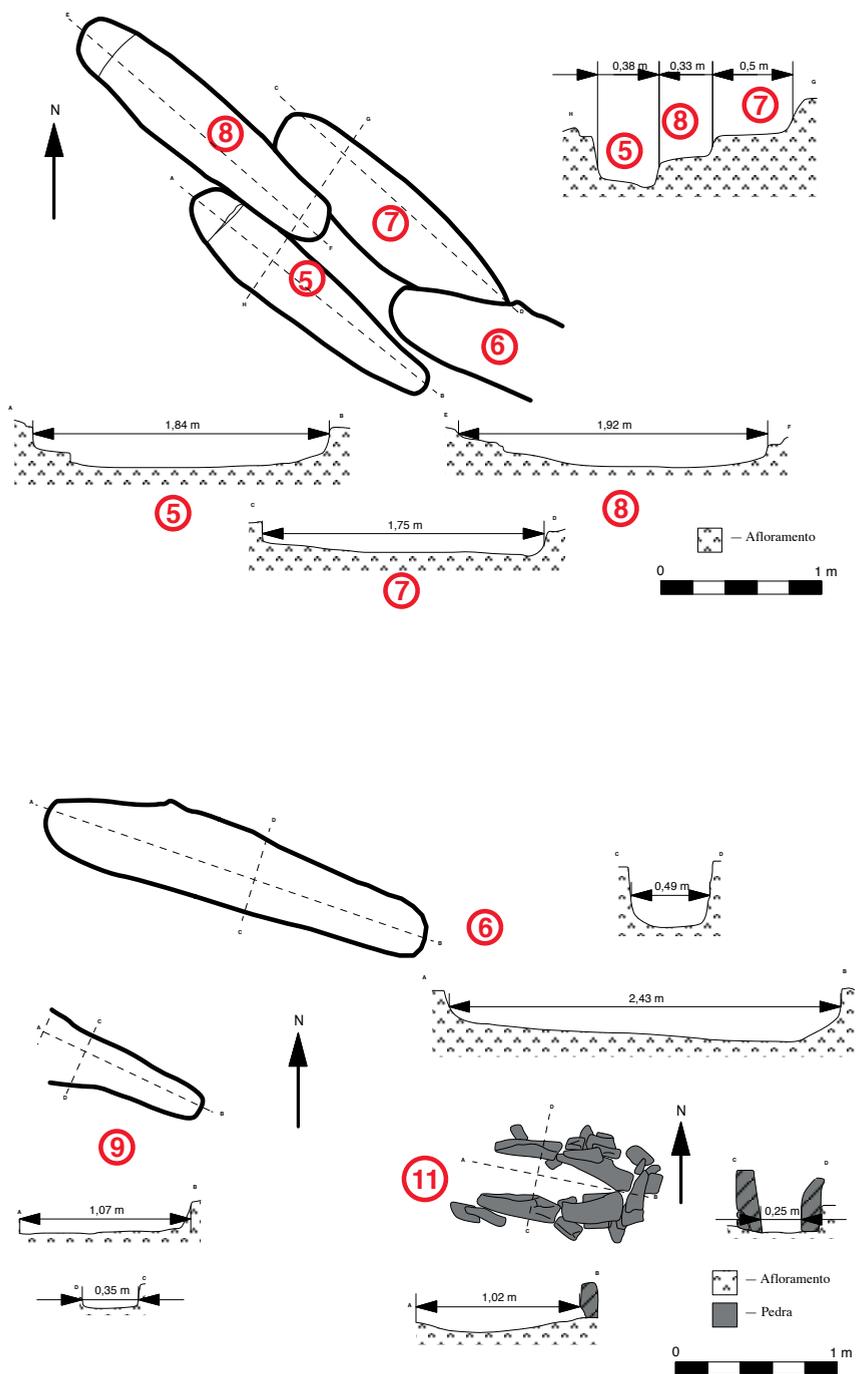


Fig. 4. Plantas e cortes das sepulturas 5 a 9 e 11
 Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

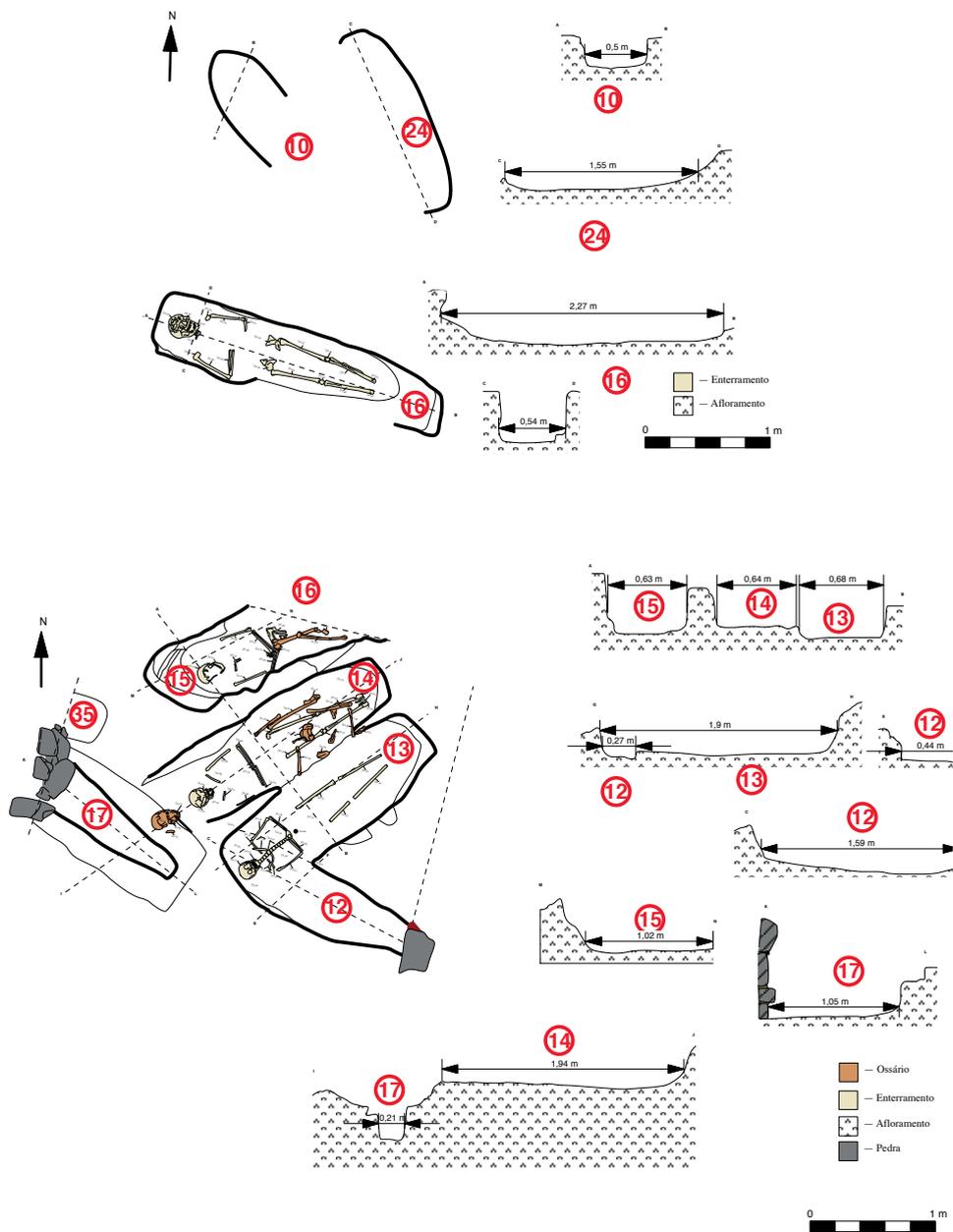


Fig. 5. Plantas e cortes das sepulturas no espaço central da necrópole
 Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

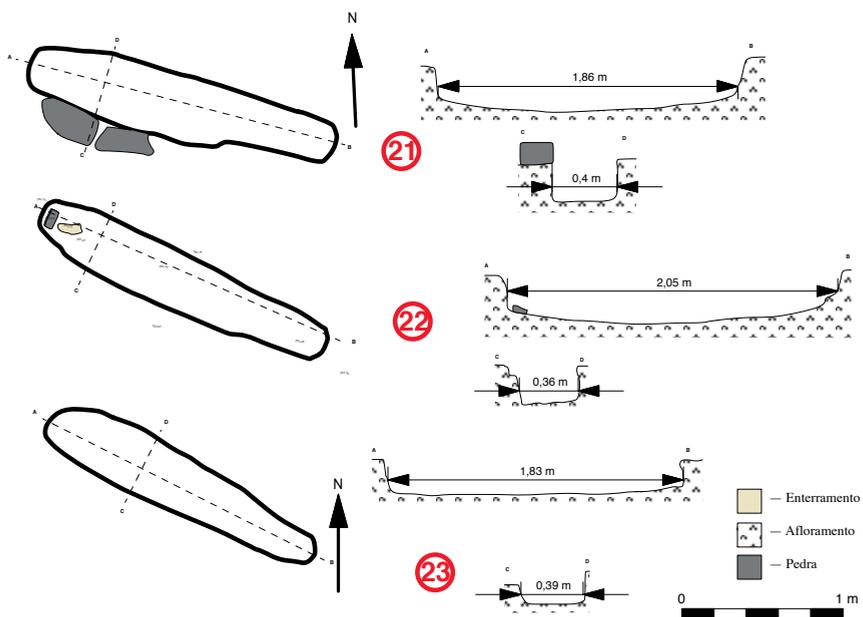
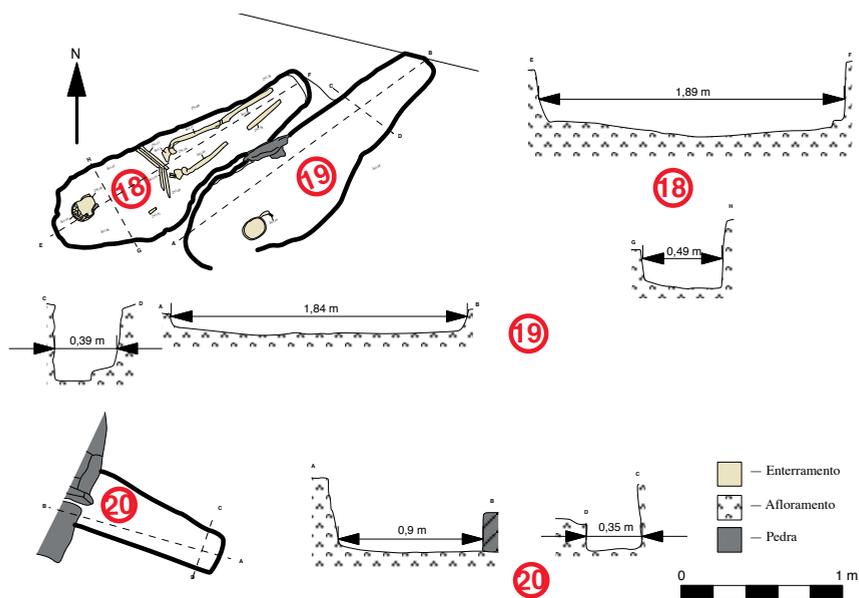


Fig. 6. Plantas e cortes das sepulturas 18 a 23
 Fonte: Desenho de Manuel Vitorino

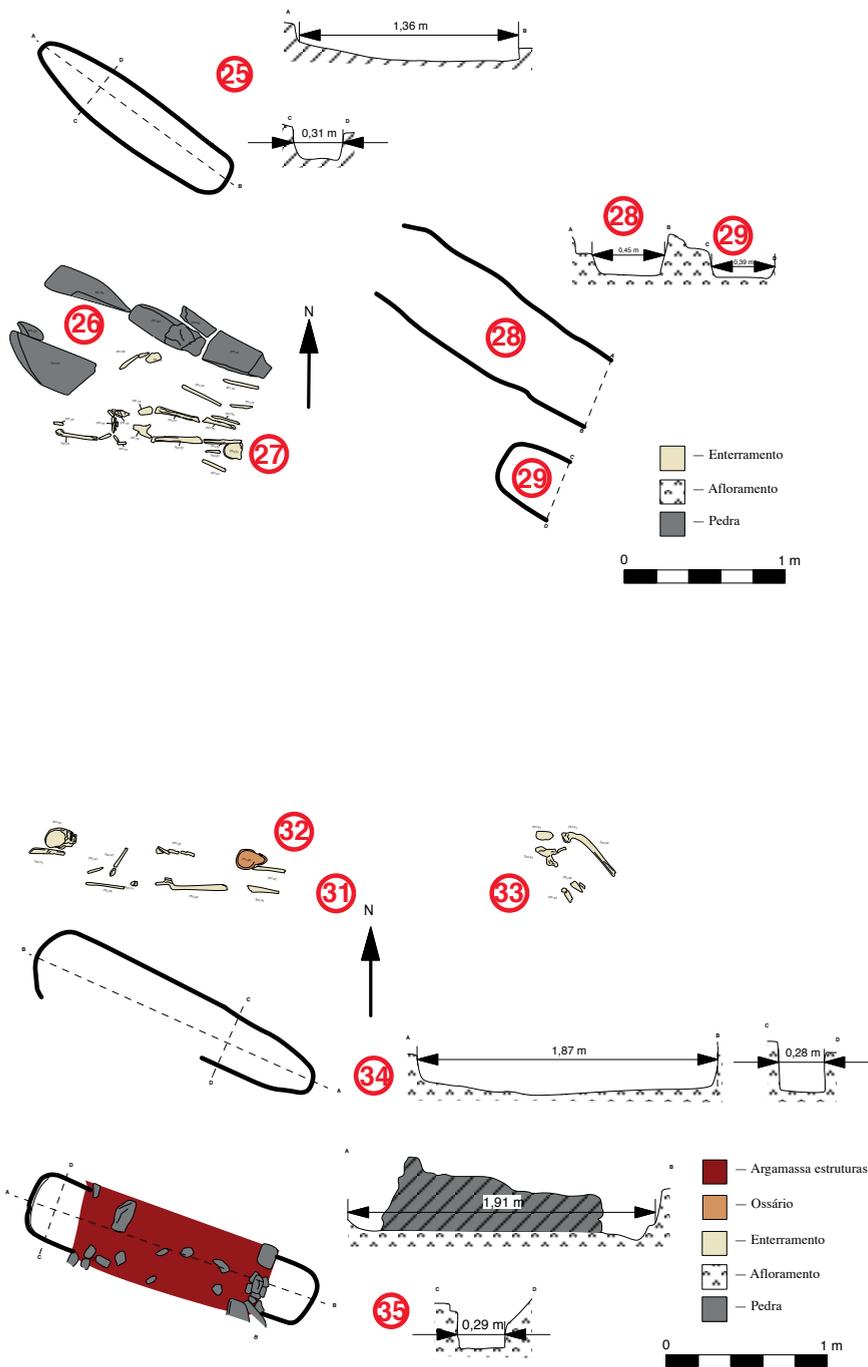


Fig. 7. Plantas e cortes das sepulturas 25 a 35
 Fonte: Desenho de Manuel Vitorino



Foto 1. Vista das sepulturas no lado nascente da necrópole
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 2. Vista das sepulturas no lado poente da necrópole
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 3. Conjunto de sepulturas escavadas na rocha, com interseções entre si
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos

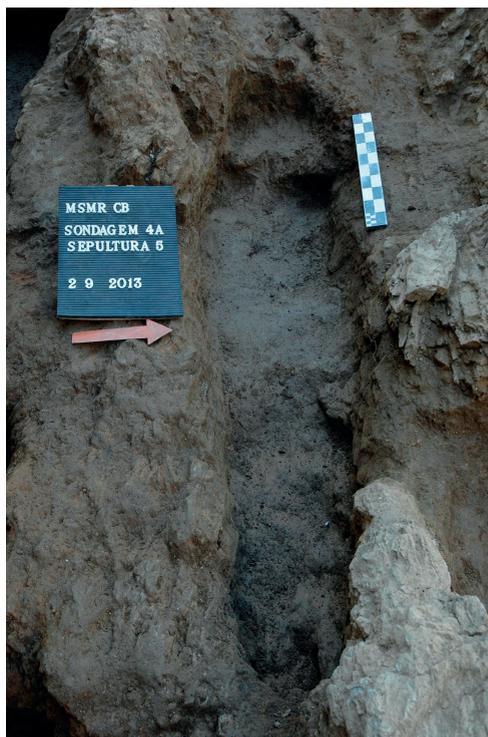


Foto 4.
Sepultura escavada na rocha com apoio de cabeça
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 5. Sepultura escavada na rocha, ainda intacta, e sobreposta por muro
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 6.
Sepultura assente em terra, ainda com vestígios de alguns ossos da inumação
Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 7.

Sepultura assente em terra, ainda com vestígios de alguns ossos da inumação

Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 8. Sepultura estruturada com um conjunto muito fruste de pedras, com tampa

Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 9.

Sepultura «em caixão», composta por grandes lajes aparelhadas

Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos



Foto 10. Cabeceira de sarcófago em granito, reutilizado como alicerce na colunada do claustro

Fonte: Francisco M. V. R. Queiroga e Claudia M. Martinho Lemos

